aditamentos, mas que incidem apenas sôbre questões de pormenor, sem muito afectar os princípios fundamentais.

E são os princípios fundamentais que nós pretendemos expôr.

Após uma rápida vista de conjunto, que será o motivo desta introdução, passaremos ao estudo dos actos falhados, dos sonhos, das nevroses, e faremos finalmente, algumas observações indispensáveis.



Foi aí por volta de 1890. Reinava então em França o ensino de Charcot e Bernheim, ou melhor, a rivalidade entre Charcot, da Salpetrière, e Bernheim, de Nancy. Em Viena, mais dum século passara sôbre a expulsão de Mesmer pelo sarcasmo ensangüentado e bilioso do corpo médico oficial, e o magnetismo, e a sugestão, e o hipnotismo, desacreditados e vaiados, só em raros encontrava um tímido adepto.

Foi um dêstes raros, foi Joseph Breuer, que Sigmund Freud conhecera no laboratório de Brücke, quem, numa experiência extraordinária, devia dar ao autor da psicanálise o ponto de partida das suas investigações.

Breuer observou numa sua doente histérica um fenómeno curioso: quando esta rapariga, em estado de confusão psíquica, em estado de ausência, podia falar e falava, dizendo palavras muitas vezes incoerentes e sem nexo, apresentava depois melhoras mais ou menos duradoiras; mas sentia-se que essas palavras eram a expressão de alguma coisa oculta, alguma coisa que a doente instintivamente escondia, e Breuer, para a inibir de exercer esta acção contensiva, passou a hipnotisar a rapariga e a interrogá-la no estado de hipnose. Constata então que as palavras pronunciadas por ela em ausência exprimiam estados psíquicos ignorados, «inconscientes», e que bastava trazê los à consciência, desenterrá-los, por assim dizer, para que a doente se sentisse aliviada e melhorasse. Procurando da mesma maneira

encontrar o significado dos próprios sintomas mórbidos apresentados pela sua histérica, Breuer constatou com espanto que êsses sintomas eram a expressão deturpada, simbólica de acontecimentos mais ou menos remotos sucedidos na vida da doente e já esquecidos. A evocação dêstes factos perdidos no «inconsciente» levava ao desaparecimento dos sintomas respectivos; e mêses depois, a rapariga encontrava-se definitivamente curada.

A experiência de Breuer, feita de colaboração com Freud, acordou nêste o génio criador. E não hesitando em ir contra a Psicologia clássica nem contra tudo o que nela se apoiava, Freud traçou o primeiro esbôço da psicanálise, e estabeleceu dois grandes princípios fundamentais: um, puramente psicológico; o outro, psicopatológico.

O primeiro diz-nos que o inconsciente, ao contrário do que pensavam os psicólogos, não é um domínio inacessível, escuro e em que nada existe digno de nota; não é o vazio icognoscível da alma humana, onde só de onde em onde alguma rara ave nocturna se atreve a riscar caprichosos e turbados vôos. O inconsciente é, pelo contrário, um domínio extraordináriamente rico, e rico a tal ponto que o seu «conteüdo» constitúi a maior parte da alma, o grande material psíquico do homem. Este conteudo, que na primeira infância é constituido pelos inúmeros resíduos filogenéticos, rácicos, atávicos («dentro de cada um de nós dorme o seu sono milenário o primitivo» — Osório César),